

POR RICARDO JACOMASSI,
ECONOMISTA-CHEFE DA HEGEMONY
PROJEÇÕES ECONÔMICAS
✉: RICARDO.JACOMASSI@HEGEMONY.COM.BR



SÉRGIO BRITO

O MUNDO EM POUCOS BLOCOS ECONÔMICOS

A divulgação do governo norte-americano e do comissário da União Europeia sobre as conversas para a formação de uma área de livre comércio entre as duas regiões pegou de surpresa os demais países do globo – inclusive o Brasil.

A figura do bloco econômico formado por duas das mais importantes regiões comerciais do mundo causou perplexidade nos principais mercados. Isso se deve, principalmente, ao atual momento vivido por essas duas regiões. Ambas representam os mais importantes pontos afetados pela crise econômica mundial e sofrem pela falta de competitividade, perda para os países emergentes, em especial para a China. Além disso, dependem dos mercados externos para sair do estado estacionário em que se encontram.

Com o aumento da participação dos países emergentes no fluxo do comércio mundial, a União Europeia e os Estados Unidos foram os que mais perderam participação no mercado globalizado. Análises mostram que os menores custos de produção dos países emergentes, combinados com o aumento dos investimentos nas áreas industriais, de infraestrutura, tecnologia e educação, deterioraram rapidamente a posição competitiva das duas regiões no final do ano 2000.

A tabela em destaque, relativa a 2011, traz referências de dados da Organização Mundial do Comércio. Os números mostram que os Estados Unidos tiveram participação de 8,3% nas exportações mundiais, enquanto a União Europeia, de 33,9%. Se futuramente ficarem juntos, formarão um novo bloco comercial com participação de 42,2% (US\$ 7,5 trilhões) nas vendas globais – mercado gigantesco e com ampla sinergia entre as duas regiões.

Tabela:
Exportações mundiais, países selecionados – 2011

País	Bilhões de US\$	Part. (%)
Brasil	256	1,4%
México	350	2,0%
EUA	1.481	8,3%
China	1.899	10,7%
União Europeia	6.029	33,9%
Mundo	17.779	100%

Fonte: World Trade Organization
http://www.wto.org/english/news_e/pres12_e/pr658_e.htm#skip >

Brasil no novo cenário mundial

Com cerca de US\$ 256 bilhões exportados em 2011, o Brasil está sendo marcado por uma visão mais ideológica do que meramente técnica. Os responsáveis do governo brasileiro pelas negociações e pelos tratados comerciais foram inócuos no desenvolvimento de novos acordos. Evidências mostram que o Brasil procurou negociar mais no âmbito político (principalmente no espectro do G20) do que na formulação de ações de livre comércio com outros países – e isso teve um custo.

De forma didática, para explicar melhor o contexto, tomamos como exemplo as ações do México e do Chile, que, com todas as suas limitações econômicas e posições geopolíticas, realizaram estratégicos acordos de livre comércio com países e regiões importantes. Somente o México mantém acordo de livre comércio com 42 países, segundo dados da Secretaria de Relações Exteriores mexicana. O resultado pode ser visto na taxa de crescimento econômico. Enquanto o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil cresceu apenas 0,9% em 2012, o FMI prevê 4,9% para o Chile e 3,7% para o México.

Neste ambiente limítrofe e cada vez mais dependente da China e do vizinho argentino, o Brasil está em uma posição extremamente desfavorável perante essa nova configuração do comércio internacional: cada vez mais exportador de commodities para a China e suscetível aos mandos e desmandos do governo de Cristina Kirchner na Argentina. Vale, portanto, frisar que o movimento dado pelos Estados Unidos e pela União Europeia faz parte de um novo rearranjo econômico internacional. A leitura mais evidente é a de que, juntos, conseguirão superar os efeitos da drástica crise internacional.

Sendo assim, o Brasil precisa ampliar sua participação nas exportações mundiais, principalmente relativas a bens industriais. As autoridades brasileiras devem ser pressionadas em um debate aberto com os empresários e os principais atores da economia para construir um posicionamento claro, objetivo e estratégico em relação ao que queremos: uma economia fechada e fora da economia internacional ou, então, uma economia aberta, de interesses compatíveis com o tamanho de sua economia.

Esses últimos movimentos da economia mundial indicam que está na hora de governo e empresários se sentarem à mesa e negociarem parâmetros para as diretrizes futuras. ■

“O Brasil precisa ampliar sua participação nas exportações mundiais, principalmente relativas a bens industriais”, diz Jacomassi.